



**A REALIDADE GEOGRÁFICA DA EXPERIÊNCIA MEMORIAL EM UM CONTO  
DE ERICO VERISSIMO: AS ESPACIALIDADES VIVIDAS EM “A PONTE”**  
*THE GEOGRAPHICAL REALITY OF THE MEMORIAL EXPERIENCE IN AN ERICO  
VERISSIMO SHORT STORY: THE LIVED SPATIALITIES IN “THE BRIDGE”*

Bruno Brizotto<sup>1</sup>

*A geografia não é, no fim das contas, uma certa maneira de sermos  
invadidos pela terra, pelo mar, pela distância, de sermos dominados  
pela montanha, conduzidos em uma direção, atualizados pela  
paisagem como presença da Terra?*

Eric Dardel

**Resumo:** Este artigo examina a representação da realidade conforme compreendida pelo ponto de vista da experiência memorial no conto “A ponte”, de Erico Verissimo (1905-1975). A partir de uma matriz teórica interdisciplinar fundamentada na inter-relação entre filosofia, antropologia, história e geografia, pretendemos analisar a operacionalidade de quatro espaços de sentido – vale, montanha, ponte e rio –, os quais se qualificam como vitais para o horizonte recordativo do protagonista Mário Meira Moura, no âmbito de sua jornada no tempo-espço. Portanto, torna-se possível à experiência memorial engendrada pelo protagonista legitimar-se enquanto tal, haja vista o profundo vínculo existente entre o sujeito que recorda e as espacialidades vividas, fenômeno que, por sua própria natureza, permite a Mário, mediante o uso da linguagem, posicionar-se perante o mundo que o cerca.

**Palavras-chave:** Experiência memorial. Realidade geográfica. Espacialidades vividas. Conto. Erico Verissimo.

**Abstract:** This article examines the representation of reality as understood from the point of view of the memorial experience in the short story “The Bridge”, by Erico Verissimo (1905-1975). Based on an interdisciplinary theoretical matrix grounded in the interrelationship between philosophy, anthropology, history and geography, we intend to analyze the operationality of four spaces of meaning – valley, mountain, bridge and river –, which qualify as vital to the reminiscent horizon of protagonist Mário Meira Moura, in the scope of his journey in time-space. Therefore, it is possible for the memorial experience engendered by the protagonist to legitimize itself as such, given the deep bond existing between the subject who remembers and the lived spatialities, a phenomenon that, by its very nature, allows Mário, through the use of language, to position himself before the world around him.

**Keywords:** Memorial experience. Geographic reality. Lived spatialities. Short story. Erico Verissimo.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Bruno Brizotto possui graduação em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestrado em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Áreas de atuação: Estéticas da recepção e do efeito, teoria e crítica literárias, ficção de Erico Verissimo, memória e identidade. Atualmente, leciona em cursos de Língua Inglesa e na rede estadual de ensino em Caxias do Sul, RS. Email: brunobrizotto@gmail.com.

O desejo de desvendar o desconhecido sempre esteve presente na mentalidade dos homens, bem como o anseio por revisitar lugares outrora explorados. No âmago desses processos, encontram-se os indivíduos e seus respectivos horizontes ideológicos, os quais, por sua vez, auxiliam a escolher os diferentes itinerários a ser percorridos, como, por exemplo, excursões turísticas, passeios relaxantes, intercâmbios, visitas a familiares distantes, aventuras românticas, mochilões, etc. Independentemente do roteiro a ser traçado, é fundamental manter vivo o espírito de investigação e o apreço pela aventura. Nesse sentido, Onfray (2015, p. 13-14) afirma que “o viajante concentra estes tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a vontade de independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação de seus menores atos e gestos”. Concretiza-se, assim, a importância de aproveitar cada momento da jornada.

Tal interesse em relação à viagem e à curiosidade de conhecer terras e povos alheios não passou despercebido a Erico Verissimo (1905-1975), escritor sul-rio-grandense autor de obras clássicas como *Caminhos cruzados* (1935), *Olhai os lírios do campo* (1938), *O resto é silêncio* (1943), *O tempo e o vento* (1949-1962), *O senhor embaixador* (1965), *Incidente em Antares* (1971), *Fantoches e outros contos* (1972), entre outras. Durante boa parte de seus setenta anos de vida, Erico percorreu diversos países, tais como Estados Unidos, México, Barbados, Israel, Portugal, Espanha, Holanda, Itália, Alemanha, França, Inglaterra, Grécia<sup>2</sup>. E é justamente no segundo volume de suas memórias, *Solo de clarineta*, publicado postumamente em 1976, que o autor de Cruz Alta formula a sua categorização de viajante. Em suas palavras: “Na minha opinião, existem duas categorias principais de viajantes: os que viajam para *fugir* e os que viajam para *buscar*”<sup>3</sup> (VERISSIMO, 2005, p. 62). A distinção, a nosso ver, não se aplicaria somente a deslocamentos espaciais, conforme ocorrido distintas vezes com o ficcionista ao longo de sua existência. Mais do que isso, a viagem alcançaria igualmente os domínios temporais da experiência memorial, ou seja, os distintos processos de

---

<sup>2</sup> Ao leitor interessado, sugere-se a leitura das narrativas de viagem (*Gato preto em campo de neve* [1941], *A volta do gato preto* [1946], *México* [1957] e *Israel em abril* [1969]), assim como os dois volumes memorialísticos (*Solo de Clarineta* [1973, 1976]).

<sup>3</sup> Ainda que, em 1943, “nauseado pelo ranço fascista de nosso Estado Novo, [...] tenha *fugido* com toda a família do Brasil para os Estados Unidos” (VERISSIMO, 2005, p. 62), lá permanecendo por dois anos, Erico revela que, “mesmo durante esse tempo de fugitivo, jamais deix[ou] de ser um buscador” (VERISSIMO, 2005, p. 62). Note-se, assim, sua inclusão no grupo dos que viajam para buscar algo e/ou alguém.

recordação engendrados pelos sujeitos em determinados momentos de suas vidas, notadamente quando perpassados por crises identitárias<sup>4</sup>. E, além disso, tal operação pode abarcar o fenômeno literário, haja vista a literatura qualificar-se como *locus* altamente favorável para a representação de episódios pretéritos. Nessa linha de raciocínio, a personagem pode valer-se de sua faculdade mnemônica enquanto mecanismo de evasão da realidade, como no conto “Sonata” (VERISSIMO, 2007b), ou como forma de reavaliar a si mesma mediante um processo de busca memorial, conforme visualizado na narrativa breve “A ponte” (VERISSIMO, 2007a).

Para Onfray (2015, p. 15), “como mônada autossuficiente, o viajante recusa o tempo social, coletivo e coercitivo, em favor de um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados.” Desse modo, é o próprio sujeito quem delimita o percurso memorial a ser posto em prática, o qual, por seu turno, apresenta um vínculo indissociável com o tempo presente do ser em questão, bem como com a temporalidade futura, circunstância sustentada por Sarlo (2007). Para a estudiosa argentina, “fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro” (SARLO, 2007, p. 12). Instaure-se, assim, a relevância do conceito de memória, compreendido aqui como faculdade individual capaz de empreender “uma reconstrução continuamente atualizada do passado” (CANDAUI, 2014, p. 9). Conseqüentemente, a experiência memorial não recriaria fisicamente as situações de um episódio passado, apenas seus efeitos na consciência daquele que lembra. Além disso, às críticas que se possa fazer em relação ao grau de confiabilidade da faculdade mnemônica e sua real eficácia frente aos sujeitos que recordam, importa registrar, juntamente com Ricoeur (2007, p. 40), que “se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar.”

Diante do exposto, objetivamos examinar o conto “A ponte”, redigido por Erico Verissimo, e publicado em 1959 em uma seleção de escritos do autor intitulada *O ataque*. Na apresentação do volume, lemos:

Reuni nele quatro histórias desiguais entre si, e que praticamente “nunca se encontraram antes”, pois têm origens e propósitos diversos. [...] “O ataque” é um fragmento de “O arquipélago”, terceiro volume da trilogia “O tempo e o vento”, ainda não publicado. [...] “Esquilos de outono” é o meu conto americano [...]

---

<sup>4</sup> Seguimos a perspectiva de Zygmunt Bauman (2005) acerca do conceito de identidade.

“Sonata” é uma fantasia poética em torno do Tempo, versão modificada de um roteiro cinematográfico nunca aproveitado [...] A primeira história do volume “A ponte” me foi sugerida por uma pequena ponte de pedra que avistei da janela de um trem em marcha, ao passar por uma aldeia andina, no Peru. (VERISSIMO, 1959 *apud* GOMES E AGUIAR, 1969, p. 168)

O enfoque recai, assim, em um recorte do percurso memorial engendrado pelo protagonista, o bem-sucedido, porém infeliz, empresário Mário Meira Moura. Examinaremos, ao longo da presente investigação, a realidade geográfica que embasa a experiência recordativa – as espacialidades vividas (vale, montanha, ponte, rio) –, as quais se encontram, por sua vez, fundamentadas na interdependência entre as instâncias pretéritas e presentes da faculdade mnemônica do herói.

Basicamente, o conto caracteriza-se enquanto representação de uma situação bastante comum na ficção realista moderna: frente a um dilema, o herói se questiona acerca do sentido de sua própria vida. Daí a necessidade premente de viajar em direção ao passado, buscando em tal espaço possíveis respostas para o infortúnio que o acomete presentemente. Em termos de enredo, a narrativa, contada por um narrador heterodiegético, inicia com a contextualização do estado de saúde de Mário. Veja-se o parágrafo de abertura:

O médico tinha prometido vir às cinco da tarde com a interpretação da radiografia. Mário esperava-o, angustiado, na biblioteca de seu apartamento, imaginando o pior. Era um sábado de maio e ele estava ali sozinho desde as três, tentando concentrar-se na leitura duma novela. Impossível. Tinha a atenção vaga e inquieta e, além da dor habitual no estômago, a garra do medo agora lhe oprimia o peito, dificultando-lhe a respiração. (VERISSIMO, 2007a, p. 267)

À sugestão que o protagonista possa estar com câncer e às dúvidas e incertezas que caracterizam esse processo, segue-se a alternância entre episódios presentes e pretéritos, os quais são rememorados em função dos desígnios vigentes. Nesse sentido, a busca memorial encetada por Mário origina-se em uma crise identitária, a qual se traduz pela recém-descoberta doença, bem como pela vida e casamento de aparências que vem levando há vários anos. Em determinada altura do texto, manifesta claramente a intenção em retornar ao tempo “duma vida confortável e sem drama” (VERISSIMO, 2007a, p. 269), ou seja, a um passado idealizado, notadamente eventos de sua adolescência e início da vida adulta transcorridos no Rincão de Santa Rita, cidadezinha localizada no interior do Rio Grande do

Sul, que contrasta profundamente com a metrópole onde reside atualmente, o Rio de Janeiro. Observe-se:

Olhando para fora através da janela, [Mário] avistou o mar e teve um súbito desejo de ir embora... Para onde? A resposta veio-lhe imediata: para casa. Sentia-se tomado duma repentina saudade de certo momento de sua vida. Ah! Se pudesse recuar no tempo trinta e cinco anos e voltar à vila onde nascera! Desde que entrara na casa dos cinquenta e começara a *sentir* o corpo, era com alguma frequência que voltava em sonhos ao Rincão de Santa Rita... (VERISSIMO, 2007a, p. 272)

Registre-se que essa “saudade” de casa não institui uma espécie de fuga ao passado, como poderia parecer à primeira vista, na medida em que as lembranças atuam como profundos mecanismos discursivos de reflexão acerca de um passado altamente prezado por seu sujeito.

### **A realidade geográfica da experiência memorial: as espacialidades vividas**

Os blocos rememorativos caracterizadores da experiência memorial colocada em prática por Mário alicerçam-se em lugares bem definidos, tais como ponte, montanha, rio, casa na qual outrora residia juntamente com sua mãe, estação de trem, os quais, por sua vez, ao serem percorridos e dotados de sentido pelo protagonista em seu percurso, alcançam o status de espaços, conforme conceituação proposta por Michel de Certeau (1994). Ao passo que o lugar é definido como “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, [excluindo-se] a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar, [em] uma configuração instantânea de posições [implicando] uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1994, p. 201), o espaço qualifica-se enquanto “um cruzamento de móveis. [...] é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, *o espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 1994, p. 202). Nesse sentido, Grywatsch (2013, p. 162) declara que “o espaço, se não é uma matriz de orientação fixa dos homens, então é uma matriz de orientação fundamental que desenvolve, dentro de estruturas espaciais, o senso comum, a *memória* e a imaginação, e nisso organiza vida, pensamento e realização [*grifo nosso*]”. Logo, tais espaços devem ser entendidos como “*espaços de sentido*” (SCHMITZ, 2013, p. 199), que permitem ao herói a evocação de lembranças e os episódios pretéritos ali contidos, realizando-se, assim, o almejado jogo memorial no tempo-espaço.

É bastante útil, nessa ordem de reflexão, a perspectiva adotada por Ricoeur (2007) no que tange à compreensão da dinâmica recordativa e sua relação inextricável com o espaço rememorado. Para o hermenêuta francês, conforme leitura de obra de Casey (1987),

o lugar [...] não é indiferente à coisa que o ocupa, ou melhor, que o preenche, da forma pela qual o lugar constitui, segundo Aristóteles, a forma escavada de um volume determinado. São alguns desses lugares notáveis que chamamos de memoráveis. O ato de habitar [...] constitui, a esse respeito, a mais forte ligação humana entre a data e o lugar. Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los. Quanto a nossos deslocamentos, os lugares sucessivamente percorridos servem de *reminders* aos episódios que aí ocorreram. São eles que, *a posteriori*, nos parecem hospitaleiros ou não, numa palavra, habitáveis. (RICOEUR, 2007, p. 59)

Percebe-se, pela transcrição do excerto, uma aproximação com os estudiosos acima referidos, uma vez que o espaço só adquire sentido no momento em que entra em interação com o sujeito que o “habita”, instaurando-se, assim, uma “relação concreta [que] liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1-2). Verdadeira cumplicidade do indivíduo com a Terra, a geograficidade, além de corporificar a existência humana no tempo-espaço<sup>5</sup>, reafirma a relevância do espaço material enquanto matéria da qual não podemos sequer pensar em abandonar. Na base desse processo, encontra-se uma “Geografia universal preocupada em compreender o mundo *geograficamente*, em sua extensão e suas ‘regiões’, como fonte de forças e horizonte da vida humana” (DARDEL, 2011, p. 1).

Ao levarmos em consideração a geografia fenomenológica de Dardel (2011) como base analítica das espacialidades vividas presentes no conto de Verissimo (2007a) em questão, faz-se necessário compreendermos a relação homem-Terra menos como a pura e simples descrição do espaço, e mais como “uma *interpretação*, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo, um ‘esclarecimento’ que mostra o real no real, uma ‘base’ a partir da qual a consciência se desenvolve” (DARDEL, 2011, p. 47-48). No âmago do exercício memorial pretendido implica considerarmos as conexões vitais entre a experiência recordativa e as espacialidades que a engloba. Segundo o geógrafo francês,

---

<sup>5</sup> Ao situar o espaço terrestre como “a condição de realização de toda realidade histórica, que lhe dá corpo e assinala a cada existente o seu lugar” (DARDEL, 2011, p. 43), com a Terra estabilizando a existência, nota-se que o geógrafo francês reconhece a interação indissociável entre espaço e tempo.

a geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou do que me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem-estar meus projetos, minhas ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. [...] A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes. [...] A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar. [...] Conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico totalmente externalizado, como presente. (DARDEL, 2011, p. 33-34)

Logo, conceitos como geograficidade e historicidade encontram-se irremediavelmente associados no âmbito da filosofia geográfica de Dardel (2011), na medida em que a experiência humana no tempo se alicerça não somente no “*lugar praticado*” (CERTEAU, 1994, p. 202), mas igualmente na consciência do sujeito que recorda episódios significativos de sua vida. Desse modo, geografia, história e memória estão relacionadas na concretização de um mundo vivido, do mundo ambiente da existência humana. “Como evitar abrir assim a espacialidade geográfica para a perspectiva temporal?”, indaga argutamente Dardel (2011, p. 39).

Após conversa com o médico, Dr. Fonseca, e com a esposa, Tilda, assim como a ocorrência de dois casos de evocação simples (RICOEUR, 2007), Mário rememora, no âmbito da quinta sequência narrativa, episódios de seu passado, notadamente associados a importantes espaços outrora habitados. Nesse sentido, “repartidas por seu hábitat, tomadas como centro de interesse, essas regiões têm um sentido primeiramente do vivido e um valor afetivo” (DARDEL, 2011, p. 11). Inicialmente, ao situar a cidade natal do protagonista, o narrador descreve a vila e seus arredores, incluído aí o vale que cerca a pequena urbe. Observe-se:

O vale em torno era dum verde veludoso e tão vivo, que parecia sempre pintado de fresco. Na primavera os campos ficavam todos respingados do amarelo das marias-moles. Em fins de março as paineiras começavam a rebentar em flores cor-de-rosa. E Mário, que amava imaginar viagens a países distantes, sempre que os maricás floresciam, contemplava-os de olhos entrecerrados e fazia de conta que tinha caído neve no Rincão e no dia seguinte ele ia esquiar nas montanhas vizinhas... (VERISSIMO, 2007a, p. 279-280)

Entremeada à descrição do vale está a memória afetiva do herói, que registra as diversas impressões que a paisagem geográfica imprimiu em sua faculdade mnemônica,

especialmente àquelas associadas às estações da primavera e do outono. O espaço alcança destacada importância, uma vez que, além de lançar o sujeito que o experimenta “sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos” (DARDEL, 2011, p. 9). Por conseguinte, o espaço geográfico caracteriza-se essencialmente pela situação concreta acima referida, a qual, por sua vez, afeta o indivíduo em questão, instaurando-se, desse modo, os vetores de distância geográfica. Para o autor, “a distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam” (DARDEL, 2011, p. 9-10). Tal distância é experimentada por Mário enquanto qualidade expressa em termos de aproximação (perto) e distanciamento (longe), qualificados mediante a categoria de esforço, ou seja, a existência de algo próximo descarta tal operação, ao passo que o distante demanda tal atitude diligente somada a um desejo de se aproximar.

Sendo assim, a viagem imaginada pelo protagonista em direção a países longínquos, bem típica da infância e juventude, ilustra bem essa situação de vetores de distância geográfica, majoritariamente a de afastamento, haja vista uma empreitada de tal porte exigir minimamente grande deslocamento espacial e gastos com passagens e hospedagem nos locais visados, os quais não poderiam ser efetivados no momento em questão, dada a situação financeira humilde da família de Mário. “O afastamento real, o que é geograficamente válido” dependeria “dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca um lugar ao seu alcance”, registra Dardel (2011, p. 10).

Além disso, o excerto transcrito revela outra faceta do espaço evocado pelo herói, a saber: o anseio de que a neve se fizesse presente no Rincão de Santa Rita, permitindo, assim, a prática de esqui nas montanhas adjacentes. Isso sugere a preferência de Mário por temperaturas frias e evocativas de países “distantes”, nos quais a presença da neve constituiria imagem acolhedora. Indica, ainda, a realização de um desejo altamente prezado por indivíduos que habitam a região sul do Brasil, a ocorrência, em grande intensidade, da queda de neve, a qual tornaria possível a feitura de bonecos, assim como a prática de diversos esportes característicos, como esqui, snowboard, bobsled, salto no gelo, biatlo, entre outros. Logo, a linguagem geográfica veicularia “as surpresas, as privações, os sofrimentos ou as alegrias que se ligam às regiões” (DARDEL, 2011, p. 11). Nesse contexto, norte e sul não são

compreendidos apenas como pontos cardeais. Ao passo que o primeiro “é uma região de nossa imaginação ou de nossas recordações, é o vento gélido e seco, o frio, o gelo, os mares hostis, os solos indigentes”, o segundo “quer dizer o sol, céu ardente, campos pedregosos ou *huertas* fecundadas pela água” (DARDEL, 2011, p. 12). Reforça-se, portanto, o apreço de Mário pela direção setentrional do hemisfério terrestre.

Em segundo lugar, intrinsecamente associado à primeira espacialidade analisada, temos a montanha como espaço de sentido vital para a experiência memorial encetada pelo protagonista. Por esse ângulo, leia-se o seguinte fragmento do conto:

Montanhas? O dr. Píndaro [velho advogado do Rincão de Santa Rita] afirmava que aquelas elevações de terreno que davam ao vale a configuração dum anfiteatro, não passavam de cerros. Fosse como fosse, o mais alto deles – o que tinha a forma dum cone – era geralmente conhecido como o Monte. Desde menino Mário namorava a ideia de um dia escalar o Monte com dois propósitos: plantar no seu pico uma bandeira brasileira e contemplar lá de cima o panorama, coisa que lhe parecia mais importante que espiar a outra face da Lua. Planejava excursões com botinas de futebol providas de fortes agarradeiras, calças de zuarte, perneiras de couro e cordas. Na cabeça levaria por fora um barrete de lã azul e por dentro muitas fantasias. (VERISSIMO, 2007a, p. 280)

Relegando a um segundo plano a distinção geográfica entre montanha e cerro, o herói centra sua atenção nas possibilidades sugestivas e simbólicas que a escalada do Monte lhe poderia proporcionar. Os dois objetivos, previamente definidos, auxiliam na hipotética empreitada: por um lado, a implantação da bandeira nacional no cume da montanha atenderia a uma realização concreta do sentimento de pertença a terra natal, a saber, a demonstração de orgulho em relação ao país de origem e, por consequência, ao estado do Rio Grande do Sul, bem como pelo Rincão de Santa Rita; por outro lado, a atitude de contemplação do panorama, estando o topo atingido, expressa o estilo despreocupado e descompromissado do viajante que está constantemente buscando novos cenários para, por meio deles, apreender as ilimitadas potencialidades de sentido intrínsecas a tais lugares. Somado a isso, advém o planejamento de “excursões” ao Monte, as quais seriam munidas da indumentária necessária para tal. Chama a atenção, por fim, o fato de a interioridade da personagem estar repleta de “muitas fantasias”, circunstância que corroboraria a relevância do alto nível de imaginação que perpassa a consciência do jovem Mário. Configurar-se-ia, nesse sentido, o “espaço telúrico” conforme sistematizado por Dardel (2011) em seu estudo sobre a natureza da realidade geográfica.

De acordo com o autor de *Les Pêches maritimes*, a experiência telúrica “coloca em jogo ao mesmo tempo, como nos mostra bem Bachelard<sup>6</sup>, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade ou do sonho”, na qual “há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (DARDEL, 2011, p. 15). Experimentação que o herói de “A ponte” empreende com eficácia, na medida em que “o relevo, a altitude, as escarpas despertam o desejo da *escalada como libertação*, a impaciência de vencer o obstáculo, de pisar na neve intocada, de dominar a planície ou o vale com uma visão panorâmica” (DARDEL, 2011, p. 16-17 [*grifo nosso*]).

Dessa forma, a montanha, símbolo máximo da experiência telúrica aqui considerada, responde “a uma geografia ascensional da alma, a uma vocação pela ‘elevação’ e a pureza”, em que o homem demandaria à montanha “um simbolismo da altura moral, ao mesmo tempo que a satisfação de uma vontade de escalar e ascender” (DARDEL, 2011, p. 17). À escalada original do Monte, soma-se, agora, o propósito de conquistar novos foros em uma escala muito maior (ascensão pessoal, social, econômica), a qual pode abarcar a futura ambição de Mário em transpor as fronteiras tanto físicas quanto morais da pequena vila na qual outrora residia. Veja-se: “O que ele queria mesmo era escalar o Monte e descer do outro lado...” (VERISSIMO, 2007a, p. 280). Poderíamos inferir, portanto, que o mencionado “outro lado” seria representado pela cidade grande, verdadeiro núcleo da sociedade moderna e espaço no qual ele, um simples interiorano, poderia crescer e prosperar na vida, como de fato viria a ocorrer (VERISSIMO, 2007a, p. 267-279), ainda que, no processo, seus princípios ideológicos sejam postos à prova e corrompidos pela coletividade a qual tantas vezes ansiara fazer parte.

O apreço de Mário pelo Monte, contudo, não encontra nos demais garotos da vila seguidores tão fiéis quanto ele. Observe-se:

Os outros meninos da cidade gostavam mais do túnel da estrada de ferro que varava a serra. Costumavam explorá-lo com velas acesas dentro de lanternas de papel. E as mães da vila viviam apavoradas à ideia de que um trem atravessasse o túnel no momento em que os filhos estivessem lá dentro. E diziam: “O Rincão era muito melhor antes de vir esse maldito trem de ferro...” Mário jamais entrara no túnel. Os lugares escuros e estreitos lhe davam uma angústia de asfixia. (VERISSIMO, 2007a, p. 280)

---

<sup>6</sup> Sobretudo em *L'Eau et les rêves* (1942) e *La Terre les rêveries du repos* (1948).

Manifesta-se, assim, “a atração exercida sobre o homem pelo telurismo [como] desejo de colocar a descoberto a realidade telúrica de uma maneira direta e pura, como *dentro* e *abaixo*” (DARDEL, 2011, p. 18). Tal atração implica vetores humanos complexos, ora entendidos do ângulo da vontade, ora vistos do ponto de vista da imaginação. Levando em consideração o problema que o protagonista possui no que toca à entrada do túnel, pode-se, juntamente com o autor francês, afirmar que o ato de “se colocar em uma *passagem estreita*, [o obrigaria] a *deslizar*, a *rastejar*, a dobrar-se às exigências do percurso, penetrar num mundo estranho, nos confins do medo e da repressão.” (DARDEL, 2011, p. 18) À escalada da montanha (ascensão, elevação) opõe-se o acesso à passagem subterrânea (descida, queda).

A tomada do Monte igualmente diz respeito a “um conhecimento interior à ação, um *conhecer* pelo agir, uma apreensão da Terra como espaço telúrico, através do esforço, da conquista e do perigo” (DARDEL, 2011, p. 17). Embora a tarefa constitua-se enquanto fantasia juvenil, importa levar em conta os elementos referidos por Dardel (2011), uma vez que deles dependem a efetivação do tão nutrido desejo de escalar a forma de relevo em questão. Portanto, a experiência telúrica possibilita ao sujeito que recorda a conquista e a afirmação de sua liberdade por meio do ato de revisitar um dos mais significativos espaços de sentido englobados pela sua faculdade mnemônica.

Na sequência, Mário rememora a presença da construção que dá título ao conto. Veja-se:

Um rio estreito mas fundo separava a vila propriamente dita da coxilha onde ficava a estação. Duas pontes atravessavam esse rio: uma de ferro, pela qual só passava o trem, e outra de pedra, destinada aos demais veículos, às pessoas e aos bichos. Quando os rinconenses falavam em *ponte*, estava claro que se referiam à de pedra, que era a mais antiga, legítima e natural. A de ferro era considerada não só *artificial* como também uma espécie de intrusa. Sempre que algum habitante da vila se mudava para outro lugar, era costume dizer com um misto de desprezo e piedade: “Cruzou a ponte”. Cruzar a ponte era um gesto de traição, significava abandonar a família, os amigos, o passado, a querência. (VERISSIMO, 2007a, p. 280-281)

Ainda que duas pontes coexistam sem quaisquer problemas no âmbito espacial, tal visão não é muito bem aceita do ponto de vista dos costumes, na medida em que os cidadãos do Rincão discriminam nitidamente uma ponte da outra, garantindo à de pedra status merecedor de atenção e prestígio, pois esta era “antiga, legítima e natural”, ao passo que a outra era qualificada como “artificial” e “intrusa”. Percebe-se, de saída, uma visível oposição

entre tradição e modernidade, simbolizada pelas duas pontes em questão, a qual se encontra firmemente ancorada nos fundamentos da memória coletiva (HALBWACHS, 1990; CANDAU, 2013, 2014) dos rinconenses. Nesse sentido, a invenção de tradições (HOBSBAWM, 2008) e a sua posterior difusão e compartilhamento pelos indivíduos caracteriza-se enquanto um processo vital para “uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 9). Dessa forma, a compreensão que os habitantes possuem em relação às pontes, bem como o significado que atribuem ao ato de cruzá-la, pode ser visto como exemplo de tradições inventadas, uma vez que “por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza real ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição [...]” (HOBSBAWM, 2008, p. 9). O comportamento contrário à ponte de ferro corresponderia, assim, à reação coletiva frente a uma situação nova que forçosamente se apresenta aos horizontes ideológicos daqueles que ali vivem, os quais estavam acostumados unicamente com a ponte original, a de pedra. Portanto, “é o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social” (HOBSBAWM, 2008, p. 10) que torna a “invenção da tradição” um aspecto central para a análise desse espaço de sentido tão caro à memória coletiva do Rincão de Santa Rita, bem como à memória individual de Mário Meira Moura, uma vez que sua faculdade mnemônica apresenta-se vinculada à memória do grupo social a que pertence, ainda que não se coadune totalmente com as interpretações provenientes daquela.

Ao agir sobre o espaço que o cerca, o homem deixa de ser mero espectador para tornar-se agente, circunstância materializada pela edificação das pontes acima identificadas. Aqui, “a geografia encontra um *espaço construído*, um espaço que é obra do homem” (DARDEL, 2011, p. 27). Deve-se a essa construção do espaço por parte dos indivíduos a concretização e exaltação da realidade geográfica nos seus mais variados cenários, desde campos e plantações, passando por terraços de montanhas chinesas, até os deltas quadriculados pelos arrozais tão característicos de países asiáticos, como China, Vietnã e Japão. À ponte entendida enquanto “espaço construído” soma-se outra simbologia associada a ela, desta vez expressa pelo vigário da vila, a qual vem a fundamentar a defendida pela população local. Veja-se:

O rapaz lembrou-se da teoria do sacerdote sobre as duas pontes. A de pedra – costumava ele dizer – era de Deus. A de ferro, do Diabo. Por que, vigário? Ora, a de ferro foi feita para o comboio passar com a locomotiva cheia de fogo do inferno das fornalhas. O trem é um símbolo da tentação mundana e do pecado: o veículo que pode desviar as almas do caminho do Bem e do amor e do temor de Deus, ao passo que a ponte de pedra, meu filho, essa é antiga, simples, feita para os homens, para as cabras, os patos, os bois; está perto de nós, é nossa, como nossos cerros, nossas árvores, nossos amigos e parentes, o pão nosso de cada dia... Mário achava a ideia poética. Mas mesmo assim queria cruzar a ponte. (VERISSIMO, 2007a, p. 283)

De uma forma ou de outra, o homem intervém sobre o espaço circundante, recriando-o, tendo em vista que “o espaço construído coloca em xeque o alcance do olhar, apaga e submerge o desenho natural dos lugares” (DARDEL, 2011, p. 29), fato que vem a corroborar a teoria do pároco sobre o efeito negativo da ponte de ferro. Novamente, a oposição tradição/modernidade erige-se no terreno da geografia fenomenológica inerente à experiência memorial encetada pelo herói, revestida, agora, pela simbologia religiosa expressa pelo vigário. Nessa ordem de reflexão, chama a atenção do leitor, ao final do excerto transcrito, o desejo de Mário de cruzar a ponte, o qual atenderia a um projeto altamente prezado por ele, conforme atestam suas próprias palavras: “– Quero melhorar de vida, estudar, fazer uma carreira, publicar um livro...” (VERISSIMO, 2007a, p. 283). Em outro momento, a tais metas somam-se outras, tão importantes quanto as primeiras: “Querida conquistar um nome, fazer carreira e fortuna. Depois voltaria para casar-se com Antônia, levá-la do Rincão de Santa Rita para o rico, vasto e belo mundo que ficava para além do Monte... Sim, e levaria também sua mãe, dando-lhe uma vida melhor” (VERISSIMO, 2007a, p. 295). Infelizmente, encantado e corrompido pela metrópole tentacular que o despersonaliza com o passar dos anos, não é possível ao protagonista o cumprimento de tais promessas. Ao contrário da vila ou da aldeola “ainda totalmente dominados por seu ambiente rural” (DARDEL, 2011, p. 27), a grande cidade evidencia-se como *locus* no qual “o homem é moldado na sua conduta, nos seus hábitos, nos seus costumes, suas ideias e seus sentimentos [...] por [um] horizonte artificial” (DARDEL, 2011, p. 27).

Percebe-se, nesse sentido, que a ambição alimentada por Mário entra em colisão com o princípio defendido pelos rinconenses no que concerne ao ato de cruzar a ponte, situação que valeria ao herói o epíteto de traidor, uma vez que abandonaria os entes queridos, os amigos e conhecidos, a terra natal, enfim, o passado. Embora não demonstre nenhum apreço pelo túnel

da estrada de ferro, o protagonista sente-se atraído pelo ritual que a chegada do trem ocasiona na pacata vila. Observe-se:

O trem só parava duas vezes por semana no Rincão de Santa Rita. Nesses dias, por volta das duas da tarde, a plataforma da estação enchia-se de curiosos. Algumas senhoras mandavam seus filhos menores ou as “crias” da casa vender suas quitandas aos passageiros, em cestos de vime ou tabuleiros de madeira. E as vozes esganiçadas dos meninos – pastéis! bons-bocados! sonhos! quindins! bolo de milho! – cruzavam-se no ar fumacento que cheirava a carvão de pedra. Mocinhas solteiras iam à estação só para namorar os rapazes que passavam debruçados nas janelas dos carros. Mas tudo tinha de se fazer numa pressa frenética – namoros, transações de compra e venda, embarques, desembarques e despedidas –, porque o comboio só se detinha ali por uns escassos cinco minutos. (VERISSIMO, 2007a, p. 281)

Passado o movimento, “Mário era o último a deixar a estação depois que o trem desaparecia. Saía a caminhar em cima de um dos trilhos, os braços abertos, fingindo que era equilibrista de circo, e ia assim até a ponte de ferro. Depois descia a encosta na direção da vila” (VERISSIMO, 2007a, p. 282). Em outro bloco recordativo, evoca os encontros que, em certas tardes, mantinha na ponte de pedra com a namorada, Antônia (VERISSIMO, 2007a, p. 294-295). Haja vista o jovem não expressar juízo de valor sobre a teoria das duas pontes, habitar espacialmente ambos os espaços construídos, assim como materializar posteriormente o cruzamento da ponte, uma imagem do herói enquanto indivíduo atento às modificações e evoluções inerentes à paisagem geográfica que o cerca assoma em toda sua concretude. Experienciar tais espaços constitui, para Mário, uma forma de diferenciar-se dos demais habitantes do Rincão, na medida em que não precisa aceitar integralmente a visão de mundo (LÖWY, 1991) sustentada pelo grupo social a que está vinculado. “Trata-se de espaços que, para o homem, diferem em qualidade e significado”, enfatiza Dardel (2011, p. 27).

À ambição juvenil da escalada do Monte como mecanismo de ascensão, acresce-se, agora, a representação da travessia da ponte enquanto estágio seguinte e decisivo do projeto pessoal do herói em busca de uma vida melhor para si em direção à cidade grande e moderna, no caso, o Rio de Janeiro. Por fim, após despedir-se da namorada e da mãe, com o comboio em movimento, “tudo escureceu. Mário encolheu-se no banco, com uma opressão no peito. O trem entrara no túnel” (VERISSIMO, 2007a, p. 297). À imagem outrora identificada no exame do espaço telúrico, prefiguram-se as possíveis adversidades intrínsecas ao futuro que aguarda o filho de Dona Eulália.

A quarta e derradeira espacialidade vivida a ser examinada diz respeito ao “domínio das águas sobre o espaço geográfico” (DARDEL, 2011, p. 19), ou seja, o espaço aquático evocado pela jornada memorial. De acordo com o geógrafo francês, “o espaço aquático é um espaço *líquido*. Torrente, riacho ou rio, ele corre, ele coloca em movimento o espaço. O rio é uma substância que rasteja, que ‘serpenteia’” (DARDEL, 2011, p. 20). Em certa altura do percurso mnemônico, Mário recorda os banhos de rio que costumava tomar nas tardes de verão, fantasiando sobre o mergulho sob a ponte como a travessia do Canal da Mancha (braço de mar que separa a ilha da Grã-Bretanha do norte da França), bem como a caça aos lambaris, na qual seria um dos tripulantes do famoso *Nautilus* (submarino comandado pelo capitão Nemo nos romances *Vinte mil léguas submarinas*, de 1870, e *A ilha misteriosa*, de 1874, ambos do escritor francês Júlio Verne). Depois disso, deitava-se na grama verde, entre os arbustos das margens, se imaginando em plena selva equatorial, falando com as nuvens e aguardando que o sol lhe secasse o corpo. Relata, adiante, um fato curioso: certa noite de lua cheia, havia se jogado do alto da ponte em direção ao rio totalmente despido, sendo visto e denunciado posteriormente pelo coveiro da vila. Por semanas, foi alvo de censura e repreensão por parte dos cidadãos. Salvou-o, entretanto, o coletor estadual, que se enforcou na privada da casinha onde vivia só. Era jogador compulsivo e havia dado um desfalque de oitocentos mil-réis para a coletoria. Como se tratava da primeira fraude e do primeiro suicídio ocorridos na história do Rincão, ambos os assuntos dominaram as rodas de conversa da cidade e, no fim das contas, a brincadeira de Mário caiu no esquecimento.

Nos termos da geografia dardeliana, a “experiência direta da espacialidade aquática” (DARDEL, 2011, p. 20) efetiva-se nos dois momentos identificados acima, os quais implicam a íntima cumplicidade do espaço aquático e os desígnios do sujeito que rememora. Ainda que o nado desnudo tenha sido visto pela população local de maneira negativa, ambos traduzem o caráter discreto, reservado e calmo característico do espaço líquido. Fala-se, assim, “de bom grado do *murmúrio* das águas, do sussurro dos riachos. O canto das águas parece cheio de subentendidos, como sua claridade é cheia de claro-escuros” (DARDEL, 2011, p. 20). Imerso nas águas do rio, em processo análogo ao realizado com o vale, a montanha e a ponte, Mário imagina-se explorando cenários distantes – canal da Mancha, mares e oceanos, floresta equatorial –, inspirado no puro desejo da viagem enquanto forma de desvendamento do mundo, dando vazão aos “subentendidos” sugeridos pelas águas do rio.

No tempo presente, por seu turno, a experiência aquática primitiva é substituída pela constante vontade de banhar-se sob um chuveiro, o que poderia sugerir o lavar-se enquanto uma espécie de purificação, de limpeza, dado o traço ontológico de pureza comumente associado ao elemento água. Após uma reveladora conversa com o filho e antes do jantar, Mário afirma: “– Quero primeiro tomar uma ducha...” (VERISSIMO, 2007a, p. 291). A seguir, já internado no hospital no qual haveria de realizar a cirurgia oncológica, tenciona banhar-se, sendo advertido pela enfermeira a empreender tal ação posteriormente à necessária lavagem intestinal, encarada pelo herói como “pormenor desagradável” (VERISSIMO, 2007a, p. 308). Concluído “o triste espetáculo” (VERISSIMO, 2007a, p. 310), o herói estende-se na cama, “depois de tomar uma ducha fria sob a qual mal se pudera sustentar nas pernas bambas” (VERISSIMO, 2007a, p. 310). É possível que a necessidade recorrente de entrar em contato com a água seja uma forma de resgatar “o registro afetivo da alegria” (DARDEL, 2011, p. 20) proporcionado pelo mundo aquático de então. Tal sentimento, indisponível agora, remontaria à imagística proposta por Dardel (2011, p. 20): “O *riso* das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo.” Inseparável dos espaços material, telúrico e construído, o domínio das águas igualmente caracteriza-se “do lado da vida” (DARDEL, 2011, p. 20) que dá sentido às ações do homem no tempo-espaço.

O exame dos espaços de sentido, tomados em conjunto no âmbito da experiência memorial empreendida por Mário, reafirma a relevância de uma geografia fenomenológica voltada para a relação homem/Terra, na qual o tempo é compreendido em íntima relação com o espaço, em consonância com os desígnios do sujeito que recorda. Nesse sentido, “o que o homem encontra, assim, na Terra, é uma ‘feição’, um certo acolhimento” (DARDEL, 2011, p. 44). Acolhimento que possibilita a Mário elevar ao primeiro plano a habilidade humana autoconsciente de recordar circunstâncias passadas, manifestando, assim, o apreço que possui em relação a sua própria faculdade mnemônica. Portanto, “os mais memoráveis lugares não pareceriam capazes de exercer sua função de memorial se não fossem também sítios notáveis no ponto de intersecção da paisagem e da geografia”, arremata Ricoeur (2007, p. 59).

## Conclusão

Em seu estudo sobre a literatura regional e o conceito de espaço, Grywatsch (2013) assinala enfaticamente que

não é o espaço natural, físico, como extensão e “recipiente” de todas as coisas, que determinará o interesse de pesquisa, mas o espaço como uma categoria construída e determinada social e culturalmente, assim como mutável historicamente. O espaço não existe simplesmente, mas é produzido e precisa ser experienciado – através de apropriação, através de esforço e trabalho, através de movimento, através do corpo, através da práxis cultural. (GRYWATSCH, 2013, p. 163)

Assim como defendido pelo pesquisador alemão, estruturamos a presente investigação sob a égide do conceito de espaço enquanto constructo social, cultural e histórico, intrinsecamente associado ao horizonte memorial do herói de “A ponte”. Visto por esse ângulo, o esforço do qual fala Grywatsch (2013) traduzir-se-ia na imagem de um “esforço de recordação”, conforme terminologia proposta por Ricoeur (2007). Uma busca recordativa, tal como a engendrada por Mário, implica por parte do indivíduo que rememora empenho e diligência (BERGSON, 2006) para a execução do objetivo em questão. Nessa linha de reflexão, em certa altura da narrativa, enquanto conversa com o filho, Mário declara: “– Se eu tivesse de pedir alguma coisa... – começou ele, atirando a cabeça para trás” (VERISSIMO, 2007a, p. 288). E, ao ser questionado pelo seu interlocutor, o herói exterioriza seu intento: “– Bom, eu pediria para voltar à vila onde nasci, nem que fosse por alguns instantes. Há horas que estou com esta ideia fixa na cabeça...” (VERISSIMO, 2007a, p. 290). Percebe-se que o propósito de visitar tempos idos tem sua origem, de fato, na crise identitária presente, e não em um simples impulso, como atesta o excerto transcrito. Consequentemente, o trajeto do viajante coincide sempre “com buscas iniciáticas que põem em jogo a identidade” (ONFRAY, 2015, p. 75).

Nesse sentido, a experiência memorial, para qualificar-se como tal, necessita profundamente da forte conexão existente entre homem e espaço terrestre, a “experiência geográfica”, para utilizarmos uma expressão cara a Dardel (2011, p. 93). Sob esse ponto de vista, a geografia é compreendida menos como “um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal qual insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 89).

Portanto, ao manter vínculos profundos com a realidade geográfica e suas espacialidades vividas, a experiência recordativa encetada por Mário Meira Moura institui-se como uma poderosa forma de agir sobre o mundo que o cerca, uma vez que a viagem ao passado permite ao sujeito que rememora fazer-se dono da linguagem de que se vale para externar suas lembranças no tempo-espaço.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BERGSON, Henri. O esforço intelectual. Tradução de Jonas Gonçalves Coelho. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 123-146, 2006.
- CANDAU, Joël. *Antropologia da memória*. Tradução de Míriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASEY, Edward. *Remembering: a phenomenological study*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GOMES, Celuta Moreira; AGUIAR, Thereza da Silva. *Anais da Biblioteca Nacional: Bibliografia do conto brasileiro (1841-1967)*. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1969. v. 87. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_087\\_1967.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_087_1967.pdf). Acesso em: 02 jun. 2021.
- GRYWATSCH, Jochen. Literatura na região e o conceito de espaço. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educ, 2013, p. 157-172.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHMITZ, Walter. Ordem pensada – ordem vivida: a região como espaço de sentido. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educ, 2013, p. 197-236.

**BRIZOTTO, Bruno.**

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v. 2.

VERISSIMO, Erico. A ponte. In: VERISSIMO, Erico. *Fantoches e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a, p. 267-321.

VERISSIMO, Erico. Sonata. In: VERISSIMO, Erico. *Fantoches e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b, p. 250-266.

Recebido em: 16/07/2021; Aceito em: 20/08/2021.